



As relativas livres infinitivas no PB

Ani Carla Marchesan (UFFS)
Carlos Miotto (UFSC)

RESUMO: Este trabalho objetiva discutir as chamadas relativas livres (RLs) infinitivas pelo viés da Gramática Gerativa. Essas sentenças despertam o interesse de estudiosos porque têm propriedades que as afastam das RLs propriamente ditas. No PB, a expressão Wh que introduz a RL tem que ser da categoria requerida pela sentença matriz. No entanto, algumas RLs infinitivas parecem não atender a esse requisito, o que têm se constituído num quebra-cabeças que tem resistido a uma explicação convincente. Nossa solução parte da observação de que nem tudo o que é considerado uma RL infinitiva é de fato uma RL. Assim, estabelecemos que, como regra geral, uma RL é uma sentença Wh que tem que respeitar as exigências oriundas da sentença matriz.

Palavras-chave: relativas livres; relativas livres infinitivas; requerimentos de compatibilidade.

Introdução

Neste artigo, trataremos de um tipo de sentença encaixada pouco estudada no português brasileiro (PB) que tem sido considerado por alguns como relativa livre (RL) e por outros como interrogativa encaixada. Essas sentenças são instigantes porque contêm propriedades que as afastam das RLs: têm verbo no infinitivo, ocorrem em contextos marcados por indefinitude, não são barreiras para extração de constituintes e não se submetem aos Requerimentos de Compatibilidade. Para atingir o objetivo deste trabalho, que é discutir e apresentar evidências que demonstrem que dentre as sentenças encaixadas com verbo no infinitivo existem as que são RLs e as que não são RLs, dividimos o texto em quatro partes. Na primeira e segunda partes, descrevemos as propriedades das RLs. Na terceira, distinguimos as RLs de outra sentença encaixada introduzida por pronome Wh: as interrogativas. Por fim, apresentamos as propriedades das sentenças encaixadas com verbo no infinitivo, tentando demonstrar que apenas algumas delas são RLs.

1. Relativas livres

As RLs são sentenças introduzidas por pronomes relativos especificados. Para caracterizar esse tipo de relativa, vamos separar os pronomes relativos introdutórios dessas sentenças em seções de acordo com seu comportamento¹.

1.1. *Quem e o que*

RLs são sentenças encaixadas introduzidas por um pronome Wh, como as que temos entre colchetes em (1):

- (1) a. [_{RL} Quem sacou seu dinheiro] evitou o confisco.
b. Ele detesta comer [_{RL} o que ela cozinha].

As RLs podem ser parafraseadas por relativas com núcleo nominal:

- (2) a. A pessoa [que sacou seu dinheiro] evitou o confisco.
b. Ele detesta comer a comida [que ela cozinha].

Observe que em (2) temos os núcleos nominais *pessoa* e *comida* antecedendo o item *que*, que introduz a relativa entre colchetes. Ignorando o debate sobre a natureza do item *que* (ver TARALLO, 1983 e KATO, 1996), ele é nitidamente diferente dos pronomes Wh *quem* e *o que*²

¹ Uma descrição mais detalhada das RLs do PB pode ser encontrada em Medeiros Júnior (2005) e Marchesan (2008, 2012).

² Tal como empregado em (1b), *o que* é um pronome Wh, paralelo a *what* do inglês. Estamos atentos ao fato de que esta expressão pode esconder um NP recuperável anaforicamente como em (i):

- (i) a. Dos limões, vou usar o (~~limão~~) que está mais maduro.
b. Dos limões, vou usar os (~~limões~~) que estão mais maduros.

Nestes casos (i), *o que* não é considerado um pronome Wh paralelo ao *what*.

Ademais, parece haver evidências contra a análise tradicional que concebe *o que* como idêntico a *aquilo que*, concepção que levaria a considerar sentenças como (1b) como uma relativa com o núcleo nominal, que tem o determinante *o* como resquício de um DP. Marchesan (2012, p.30-33) faz uma revisão dos vários argumentos apresentados na literatura que comprovam que em situações como (1b), *o que* deve ser considerado um pronome relativo. Desses, destacamos três:

O primeiro argumento, de Braga, Kato e Mioto (2009), é construído com base na concordância do adjetivo:

- (ii) O que Maria é é escandalosa.

A análise que supõe que o determinante *o* é funcionalmente idêntico a *aquilo*, não dá conta de explicar a marca discrepante de gênero em *escandalosa*: sob esta análise, o adjetivo teria que concordar com *o/aquilo*.

O segundo argumento, de Hirschbühler e Rivero (1981a), se baseia nos dados do catalão:

- (iii) a. *L'home qui parla. → O homem quem fala.
b. L'home que parla. → O homem que fala.
c. El qui diu això. → O que diz isso.

Em (iii.a), percebemos que o pronome relativo *qui* não pode estar adjacente ao núcleo nominal *home*. Nesse caso, esse pronome se transforma no complementizador *que* (iii.b). Semelhantemente, se o *el* de (iii.c) fosse o núcleo nominal *aquilo*, *qui* não deveria poder permanecer (**el qui*) ao contrário do que (iii.c) mostra.

Por fim, o terceiro argumento apresentado em Marchesan (2012) é de Mioto (c.p.):

de (1). Esses pronomes, ao contrário daquele, são chamados de especificados porque incorporam os traços semânticos daquilo que seria o núcleo nominal da relativa: *quem* incorpora o traço semântico de [+humano]; *o que* de [-humano][-animado]. Por ser semanticamente subespecificado, o item *que*, introduzindo uma relativa, deve ser antecedido por um NP explícito ou subentendido. Por isso, pelo menos em português³, os pronomes *Wh quem* e *o que*, que introduzem as RLs exemplificadas em (1), não podem ser antecidos por um NP adjacente:

- (3) a. *A pessoa [quem sacou seu dinheiro] evitou o confisco.
b. *Ele detesta comer a comida [o que ela cozinha].

Entretanto, esses pronomes podem introduzir uma relativa com núcleo nominal desde que a adjacência entre eles e o nome seja quebrada por uma preposição, como exemplificamos em (4):

- (4) a. A pessoa [com quem/a qual ele se encontrou t_{pp}] evitou o confisco.
b. Este texto não especifica o propósito [para o que/o qual ele foi escrito t_{pp}].

Nesse caso, a preposição é o núcleo de um PP que tem como complemento o pronome relativo, que pode ser parafraseado por *o/a qual*. O PP é todo ele movido de sua posição interna ao IP para a periferia esquerda da relativa. Entretanto, a sequência [P+Wh] deve ser encarada de outra forma quando a preposição pertence à sentença matriz, como veremos imediatamente abaixo (conforme (5h,i)).

As RLs introduzidas por *quem* e *o que* funcionam como argumento de um núcleo, tendo a mesma distribuição de um DP:

- (5) a. [RL O que ele fez] interrompeu a festa.
b. [RL Quem fez isso] interrompeu a festa.
c. [RL O que a Maria comprou] é inútil.
d. [RL Quem perdeu a carteira] é muito descuidado.
e. Ela comprou [RL o que viu].
f. Ela insultou [RL quem a tratou bem].
g. Ele considera [[RL o que a Maria é] escandaloso]⁴.

- (iv) a. Ela não tem *o que* fazer aos domingos.
b. *Ela não tem *aquilo que* fazer aos domingos.

Se *o que* fosse analisado como *aquilo que*, (iv.a) “deveria ser agramatical porque *o o que*, sendo um demonstrativo mais pronome ou complementizador, subcategorizaria um IP finito e nunca um infinitivo, como mostra a agramaticalidade de [iv.b]” (MARCHESAN, 2012, p.33).

³ Observe que no inglês o pronome *who*, equivalente a *quem*, pode ser antecedido por um nome:

- (i) [The person [who John saw] was Mary].

⁴ Na esteira de Hankamer (1974), Mioto e Negrão (2007), Resenes (2009; 2011) e Kato e Mioto (2009), para nós, somente a sentença Wh contida em (ia), considerada uma simples sentença copular predicacional, é, de fato, uma RL, ao contrário da que aparece na pseudo-clivada (especificacional) em (iib) e ao contrário de boa parte da literatura no assunto (por exemplo, Modesto (2001), que considera ambas RLs).

- (i) a. [O que a Maria é] é escandaloso. (MIOTO; NEGRÃO, 2007)
b. [O que a Maria é] é escandalosa. (MIOTO; NEGRÃO, 2007)

No PB, um argumento que diferencia as sentenças Wh de (i) é a sua paráfrase por uma relativa com núcleo. Se levarmos em conta que uma RL pode ser parafraseada por uma relativa com núcleo (conforme vimos nas seções

- h. Ela conversa com [RL quem lhe dá atenção].
- i. Ele apertou o parafuso com [RL o que tinha às mãos].

Em (5a,b) as RLs funcionam como argumento externo do verbo *interromper* e como sujeito da sentença; em (5c,d) como sujeito da *small clause*, que tem os adjetivos *inútil* e *descuidado* como predicado, e como sujeito da sentença; em (5e,f) funcionam como argumento interno dos verbos *comprar* e *insultar* e objeto direto da sentença; em (5g) a RL funciona como sujeito da *small clause*, que é complemento do verbo *considerar* e objeto direto da sentença; em (5h,i) como complemento da preposição *com*. Em todas as sentenças de (5), as RLs estão em contexto de marcação casual, o que permite deduzir sua natureza nominal: nominativo (5a-d), acusativo (5e-g) ou oblíquo (5h,i).

1.2. Quando, onde e como

O fato de os pronomes *Wh quem* e *o que* não poderem ser antecidos por um núcleo nominal permite estabelecer com segurança que a sentença encabeçada por eles é formalmente uma RL no PB. Entretanto, quando se trata de sentenças encabeçadas por *quando*, *onde* e *como*, a situação é mais obscura⁵. A complicação decorre principalmente de dois fatores: o primeiro é que esses três pronomes *Wh* podem figurar em contextos em que são antecidos de um núcleo nominal; o segundo é que, pelo menos *quando* e *onde*, podem ser parafraseados por *em que*, quando antecidos de núcleo nominal.

Consideremos as sentenças em (6):

anteriores), temos um indício para não considerar a sentença *Wh* das pseudo-clivadas uma RL, como comprovado pela agramaticalidade de (iib), ao contrário das sentenças *Wh* que compõem as copulares predicacionais, estas sim verdadeiras RLs (iia):

- (ii) a. [Aquilo que a Maria é] é escandaloso.
- b. *Aquilo que a Maria é é escandalosa.

Remetemos o leitor para os textos supracitados para ver toda a argumentação apresentada.

⁵ Deixamos de lado neste trabalho o pronome *Wh quanto* porque ele apresenta um comportamento particular, embora pareça que seu comportamento se coaduna com a descrição até aqui apresentada: em (ia), ele introduz uma 'RL' complemento do verbo *cobrar*, não pode ser antecido do nome *quantia* em (ib), mas pode ser parafraseado por uma relativa com núcleo nominal (ic):

- (i) a. Ele vai cobrar [quanto quer] pelo carro.
- b. *Ele vai cobrar a quantia [quanto quer] pelo carro.
- c. Ele vai cobrar a quantia [que quer] pelo carro.

Atipicamente, porém, ele pode funcionar como o segundo termo de uma correlativa (iia) ou como um quantificador nominal (iib):

- (ii) a. Ele vai cobrar tanto [quanto pode] pelo carro.
- b. Ele vai cobrar [quanto dinheiro quer] pelo carro.

E, por último, a 'RL' introduzida por *quanto* deve ser precedida do determinante *o*, obrigatoriamente, se ocupa a posição de sujeito:

- (iii) a. ?*[Quanto ele cobrou pelo carro] é um escândalo.
- b. [O quanto ele cobrou pelo carro] é um escândalo.

Os comportamentos em (ii) e (iii) não são compartilhados pelos pronomes relativos que introduzem RLs.

- (6) a. “Palmirinha Onofre: 'guardo na lembrança o momento [quando eu sentei no sofá da Hebe]’”. (CARVALHO, 2012, Jornal *O fuxico*⁶)
 b. “O lugar [onde ele mora] é tão lindo”. (8º verso da música *Lugar Santo* de Talita Macedo⁷)
 c. O modo [como ele canta] agrada a plateia.

Os núcleos nominais precedendo os pronomes Wh descartam a possibilidade de que as relativas sejam RLs. Entretanto, a ausência de núcleo nominal induz a pensar que as relativas entre colchetes em (7) sejam RLs.

- (7) a. João saiu [quando Maria chegou].
 b. João encontrou os sapatos [onde Maria guarda as sandálias].
 c. João mora [onde a Maria nasceu].
 d. João se comportou [como ela esperava].

Note que nessas sentenças os pronomes relativos não podem ser parafraseados pelo pronome relativo subespecificado (*em*) *que*. Outra característica é a sua natureza oblíqua, pois as relativas encabeçadas por eles têm a distribuição equivalente a sintagmas adverbiais/preposicionais: [ontem], [no momento (*em*) *que*...]; [no armário, ali], [no lugar (*em*) *que* ...]; [lá], [na casa (*em*) *que* ...]; [da maneira *que* ...], respectivamente. Assim, podemos dizer que as RLs introduzidas por eles são PPs que funcionam como adjunto (7a,b) e em (7c,d) são PPs que funcionam como complemento oblíquo dos verbos *morar* e (*se*) *comportar*. Comportamento paralelo é notado em (8) em que a relativa funciona como complemento de preposição:

- (8) a. João conhece Maria [desde [quando ela tinha 10 anos]]⁸.
 b. João veio [por [onde ela indicou]].
 c. Gosto [de [como ela sorri]]. (MÓIA, 1992, p. 144)

Sabe-se que preposições não podem ter PP como complemento. Por isso, Marchesan (2012) conclui que relativas, como as que estão entre colchetes em (8), são DPs. “Ou, pelo menos, que a preposição é cega ao fato de que *quando*, *onde* e *como* são itens que embutem uma preposição” (MARCHESAN, 2012, p.36). Assim, seguindo Marchesan (2012), classificamos as relativas de (7) e (8) como RLs.

Entretanto, Marchesan (2012, p.36-37) lembra que quando a relativa encabeçada por *quando*, *onde* e *como* funciona como complemento de um verbo que subcategoriza DP, como em (9), ou como sujeito da sentença, como em (10), alguns problemas de aceitabilidade aparecem:

⁶ Disponível no site: <<http://ofuxico.terra.com.br/noticias-sobre-famosos/palmirinha-onofre-guardo-na-lembranca-o-momento-quando-eu-sentei-no-sofa-da-hebe/2012/09/30-150334.html>>.

⁷ Disponível no site: <<http://www.vagalume.com.br/talita-macedo/lugar-santo.html>>.

⁸ O fato de existir para (8a) uma paráfrase como (ia), não deve despistar a descrição:

- (i) a. João conhece Maria [desde [que ela tinha 10 anos]].
 b. Maria chorou [por [que João foi embora]].
 c. Maria chorou [para [que João fosse embora]].

O *que* é um mero complementizador que introduz um CP que é complemento da preposição *desde*, como é também para a preposição *por* em (ib) e *para* em (ic).

- (9) a. ?João conhece [onde você nasceu].
 b. ?João encontrou [onde você esconde suas cartas].
 c. ?Aprecio [como te vestes]. (MATEUS et al.⁹, 1989 apud MÓIA, 2001, p.354)
 d. Adoro [quando estou de férias]. (MÓIA, 2001, p.354)
- (10)¹⁰ a. ?[Quando ele partiu] foi muito triste.
 b. [Onde a Maria mora] é muito perigoso.
 c. ?[Como ele se comportou] foi muito deselegante.

Comparando as sentenças de (8) com as de (9) e (10), vemos que os problemas de gramaticalidade não se verificam nas primeiras. Descritivamente, o que é intrigante é a seguinte situação: se os pronomes Wh e as sentenças que eles introduzem em (8), (9) e (10) têm a mesma distribuição de DPs, por que as diferenças sensíveis de gramaticalidade? A resposta que vislumbramos, já apresentada em Marchesan (2012, p.37), leva em consideração o caso abstrato atribuído às relativas. Por um lado, em (8) temos o contexto de atribuição de oblíquo, o que parece compatibilizar os pronomes Wh *quando*, *onde* e *como* com a posição em que ocorrem. Por outro, em (9) e (10) temos o contexto de atribuição dos casos não oblíquos¹¹ (acusativo e nominativo, respectivamente) e a presença dos pronomes oblíquos *quando*, *onde* e *como* gera alguns efeitos de compatibilidade e julgamentos discrepantes. A discrepância de julgamentos cessa se recuperamos os núcleos nominais que estão implícitos em todas as sentenças de (9) e (10), resgatando as propriedades nominais dos complementos dos verbos e dos sujeitos das sentenças:

- (11) a. João conhece o lugar [onde você nasceu].
 b. João encontrou o lugar [onde você esconde suas cartas].
 c. Aprecio o modo [como te vestes].
 d. Adoro o período [quando estou de férias].
 e. O momento [quando ele partiu] foi muito triste.
 f. O lugar [onde a Maria mora] é muito perigoso.
 g. O modo [como ele se comportou] foi muito deselegante.

Talvez a discrepância de julgamento verificada em (9) e (10) esteja ligada a dois fatores: os falantes que não reagem aos efeitos de compatibilidade têm em mente o núcleo nominal apagado; os que reagem têm em mente as propriedades de oblíquo inerentes aos pronomes Wh. Nós assumimos que as sentenças de (9) e (10) não são RLs verdadeiras, mas relativas com um núcleo nominal implícito.

Assim, as relativas introduzidas por *quando*, *onde* e *como* podem ou não ser RL. Não são RLs quando, para não violar os requerimentos de compatibilidade, forçam a recuperação do núcleo nominal implícito (nesse caso, são relativas com núcleo). São RLs quando não apresentam

⁹ MATEUS, M.H.M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

¹⁰ As sentenças de (10) foram adaptadas de Móia (2001, p. 353-4).

¹¹ Note em especial que em (10b) temos como sujeito um locativo, que é compatível com a posição de sujeito em várias outras construções:

- (i) Lá era muito gostoso.

efeitos de compatibilidade. Nesse último caso, os pronomes Wh são inerentemente oblíquos/PPs e as RLs que eles introduzem funcionam como adjunto (adverbial) ou como complemento de preposição ou de verbos que subcategorizam complementos oblíquos.

1.3. *Que, qual e cujo*

Os pronomes Wh *que, qual e cujo* podem introduzir relativas com núcleo, em (12), mas não podem introduzir RLs, em (13):

- (12) a. Eu vi o menino [que você acha bonito].
 b. Encontrei o brinco [com o qual Maria foi à festa].
 c. Encontrei a menina [cujo pai viajou].
- (13) a. *Eu vi [que você acha bonito].
 b. *Encontrei [com o qual Maria foi à festa].
 c. *Encontrei [cujo pai viajou].

Os pronomes Wh que encabeçam RLs são especificados. Ou seja, incorporam aquilo que seria o núcleo nominal de uma relativa com núcleo. Assim *quem, o que, quando, onde e como* podem iniciar uma RL já que incorporam os núcleos nominais *pessoa, coisa, momento, lugar e modo*, respectivamente¹². Os pronomes Wh *que, qual e cujo* não incorporam um núcleo nominal, têm que ter como antecedente um nome de qualquer tipo semântico e, por isso, não podem encabeçar RL:

- (14) a. João viu *o carro/o menino/o cachorro* [que você acha bonito].
 b. João viu *o carro/o menino/o cachorro* [do qual você falou].
 c. João viu *o carro/o menino/o cachorro* [cuja fotografia você guarda].

2. RL versus interrogativas encaixadas

Quando as RLs funcionam como argumento de verbo¹³, elas se assemelham formalmente às interrogativas encaixadas:

- (15) a. Eu conheço [quem a Maria convidou para a festa].
 b. Eu me pergunto [quem a Maria convidou para a festa].
 c. Eu me pergunto [com quem a Maria vai casar].

Para saber se a sentença encaixada é RL ou interrogativa, basta recordar que relativas, como o próprio nome sugere, partilham um constituinte com a sentença matriz. No caso das RLs,

¹² Esses pronomes relativos, como já foi apontado em Mória (1996, p.154), são marcados pelos seguintes traços: *quem* [+humano]; *o que* e *quanto* [-humano]; *onde* [+locativo]; *como* [+modo] e *quando* [+tempo], o que equivale a dizer que eles conseguem embutir/incorporar o núcleo nominal.

¹³ Lembre que os pronomes Wh *quem* e *o que* podem encabeçar RLs que são argumento de verbos e *quando, onde e como* só podem encabeçar RLs quando forem complemento de verbos que subcategorizam oblíquos.

esse constituinte respeita as exigências de um núcleo da matriz (conforme próxima seção). Em (15a), *quem* satisfaz as exigências do verbo matriz *conhecer* que exige um DP como seu complemento. Por outro lado, uma interrogativa encaixada não tem a rigor um constituinte compartilhado: a única exigência que pesa nestes contextos é que o CP seja definido semanticamente como interrogativo. Quanto às exigências categoriais (DP, PP etc.), o pronome Wh deve apenas respeitar aquelas próprias de sua condição de constituinte da sentença encaixada. Em (15b), o DP *quem* satisfaz as exigências do verbo da encaixada *convidar*. Afirmção semelhante ocorre em (15c), onde o PP *com quem* respeita sua condição de complemento preposicionado do verbo da encaixada *casar*. O fato de a encaixada de (15c) ser introduzida por preposição, a descarta de ser uma RL (conforme veremos na próxima seção).

Alvarenga¹⁴ (1981) elaborou um teste, adaptado por Baker¹⁵ (1988 apud MEDEIROS Jr., 2005, p. 17), para diagnosticar uma interrogativa encaixada: inserir o (*é*) *que* logo após o pronome Wh:

- (16) a. *Eu conheço [quem (*é*) *que* a Maria convidou para a festa].
b. Eu me pergunto [quem (*é*) *que* a Maria convidou para a festa].

O teste funciona bastante bem porque a ocorrência de (*é*) *que* é restrita a interrogativas Wh.

Outra forma de identificar uma interrogativa consiste em substituir o *pronome* Wh por uma expressão claramente interrogativa, do tipo Wh+NP:

- (17) a. *Eu conheço [que tipo de festa a Maria quer fazer].
b. Eu me pergunto [que tipo de festa a Maria quer fazer].

Nas interrogativas, os pronomes Wh como *que* e *qual* precedem um NP e, por operarem sobre NPs, como os determinantes, podem ser considerados um tipo de determinante. Assim, o pronome Wh *quem* é parafraseável por *que/qual pessoa*, *onde* por *em que/qual lugar* e assim por diante:

- (18) a. *Que/qual pessoa* a Maria convidou para a festa?
b. *Em que/qual lugar* o João está morando agora?

Ao contrário, nas relativas, é o NP que é seguido pelo pronome Wh (NP+Wh):

- (19) a. Eu conheço a *menina* [*que* o João convidou para a festa].
b. Eu conheço [*quem* o João convidou para a festa].

Se (19b) pode ser parafraseada por (19a), onde a ordem NP+wh é respeitada, percebemos que a sentença entre colchetes é uma RL.

¹⁴ ALVARENGA, D. *Sobre Interrogativa Indireta no Português*. 1981. Dissertação (Mestrado), Belo Horizonte, MG. 1981.

¹⁵ BAKER, M. *Incorporation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

Outro teste para identificar se a sentença Wh encaixada é uma RL consiste em substituir o pronome Wh pelo complementizador interrogativo *se* (resgatando as funções do pronome na encaixada):

- (20) a. *Eu conheço *se* o João convidou Maria para festa.
b. Eu me pergunto *se* o João convidou Maria para a festa.

O teste é confiável, pois ele determina se o contexto de ocorrência da sentença encaixada é compatível com uma interrogativa ou não.

Há, também, uma propriedade sintática que distingue RLs de interrogativas: o fato de as primeiras serem ilhas fortes (ROSS, 1967) e de as segundas serem ilhas fracas. Assim, a extração é permitida nas interrogativas, mas bloqueada nas RLs:

- (21) a. *[Que poesia]_i a Ana chorou [quando o Pedro declamou t_i].
b. [Que poesia]_i a Ana perguntou [quando o Pedro declamou t_i].

3. Requerimentos de Compatibilidade

Característica saliente das RLs é o Requerimento de Compatibilidade (*Matching Requirement*)^{16,17} (BRESNAN; GRIMSHAW, 1978). Como regra geral, o Requerimento de Compatibilidade afirma que as RLs do PB só são gramaticais se a expressão Wh não violar os requerimentos de um núcleo da sentença matriz:

- (22)¹⁸ a. Eu só ajudo [(**de*) quem eu gosto].
b. Eu comprei [(**d*)o que eu precisava].
c. Eu vou te dar [(**com*) o que você sonha].

Como no PB não se verifica o fenômeno da preposição órfã, o pronome Wh deve arrastar consigo a preposição para a periferia esquerda da RL. Se a expressão Wh satisfizer suas condições de sintagma (PP em (22)) da sentença encaixada sem satisfazer as da sentença matriz (DP), ocorrerá incompatibilidade e a sentença será agramatical: o PP na periferia esquerda das RLs em (22) gera agramaticalidade.

¹⁶ Os Requerimentos de Compatibilidade variam de acordo com as línguas. Grosu (1994 apud CITKO, 2000, p.8) divide as línguas naturais em três tipos: aquelas com Requerimento de Compatibilidade Total/Pleno (hebreu, francês, russo, inglês e italiano); aquelas que não apresentam o fenômeno (latim, os primeiros estágios das línguas românicas, alemão antigo e possivelmente o gótico), e aquelas línguas com Requerimento de Compatibilidade Parcial (finlandês, espanhol, catalão e romeno). PB se encaixa nessa última categoria.

¹⁷ O Requerimento de Compatibilidade Pleno é esquematizado por Izvorski (1996, p.89, tradução nossa) a seguir:

a. Compatibilidade Casual: [RL wh-Caso_i ...] - Caso_i

b. Compatibilidade Categorical: [RL [wh]_{X_{Pi}} ...]_{X_{Pi}}

(a) e (b) afirmam que o pronome relativo (wh) da RL deve ter o caso e a categoria requeridos pela posição em que a RL se encontra na sentença matriz e encaixada simultaneamente.

¹⁸ Sentenças retiradas de Negrão (1994, p. 1041).

As sentenças de (22) deixam transparecer outra propriedade das RLs do PB: o fato de a expressão Wh nunca poder ser encabeçada por preposição. Quando ela ocorre contígua à preposição, deve ser o caso em que a preposição pertence à sentença matriz:

(23) João gosta de [quem a filha detesta].

Em (23), *gostar* rege a preposição *de*, depois da qual deve haver um DP exatamente como *é quem*. A preposição regida pelo verbo encaixado não se superficializa.

Na seção 1.2 assumimos que os pronomes Wh *quando*, *onde* e *como* são inerentemente oblíquos e que eles só encabeçam RLs que funcionam como adjunto adverbial ou complemento de preposição ou de verbos que subcategorizam oblíquos. Essa restrição elimina do rol de RLs sentenças como (9) e (10), aqui repetidas como (24), em que os pronomes Wh oblíquos estão em contexto de atribuição de caso acusativo e nominativo:

- (24) a. ?João conhece [onde você nasceu].
 b. ?João encontrou [onde você esconde suas cartas].
 c. ?Aprecio [como te vestes].
 d. Adoro [quando estou de férias].
 e. ?[Quando ele partiu] foi muito triste.
 f. [Onde a Maria mora] é muito perigoso.
 g. ?[Como ele se comportou] foi muito deselegante.

Portanto, quanto à compatibilidade, a generalização pertinente é a que formulamos em (25):

- (25) A expressão Wh das RLs tem que atender às exigências impostas pela sentença matriz.

4. A questão das chamadas RLs infinitivas

A partir da descrição das propriedades das RLs, chegamos ao nosso problema de pesquisa, que são as sentenças relativas que se caracterizam por ter verbo no infinitivo, como exemplificamos em (26)¹⁹:

¹⁹ De acordo com Caponigro (2001, p. 4-5) e Grosu e Landman (1998, p. 155), as RLs infinitivas são encontradas em muitas línguas de famílias diferentes, como o espanhol, francês, grego moderno, hebreu etc. Esse tipo de sentença não é encontrado em nenhuma língua germânica, com aparente exceção da língua Iídiche, como mostram as sentenças abaixo, extraídas de Caponigro (2001, p.5):

- (i) Yiddish (Koysef, n.d)
 a. Ikh hob nit [mit vemen ikh ken reden], az ikh bin troyerik.
 I have not with who. DAT I can speak, when I am sad.
 'I don't have anybody to talk to when I am sad'.
 (ii) English (Carso Schütze p.c., Harold Torrence p.c.)
 * I have [who(m) to talk to] when I am sad.
 (iii) German (Daniel Büring p.c.)
 *Ich habe [mit wem ich sprechem kann], wenn ich traurig bin.

- (26) a. João não tem [quem visitar nos sábados].
 b. João não tem [o que fazer nos sábados].
 c. João não tem [com quem discutir seus problemas].
 d. João não tem **ninguém** [com quem discutir seus problemas].

Esse tipo de relativa tem propriedades especiais. A primeira é que contém um PRO obrigatoriamente controlado pelo sujeito da sentença matriz. Quando a sentença matriz não tem sujeito, a interpretação do PRO é arbitrária:

- (27) Não tem [o que PRO fazer].

Essa categoria vazia, que não se qualifica como uma variável, impede que o pronome Wh possa ser o sujeito da sentença. Quando é o sujeito, o verbo da relativa fica no subjuntivo, uma forma finita que libera caso nominativo para a posição de sujeito de onde o pronome Wh é extraído:

- (28) a. João não tem [quem o acompanhe nesta viagem].
 b. Não tem [o que distraia João] quando ele está concentrado.
 c. Não tem [o que alguém possa fazer]

A segunda propriedade (BRITO, 1991; GROSU; LANDMAN, 1998; IZVORSKI, 1998, 2000) é que as relativas infinitivas ocorrem apenas em contextos subcategorizados por um grupo restrito de verbos, tal como os existenciais, e não são liberadas na posição de sujeito:

- (29) a. João sempre encontra [quem criticar]
 b. *[Quem criticar] sempre é encontrado por João.

A terceira propriedade é que elas, mesmo as subjuntivas, podem ser parafraseadas por um tipo de infinitivas que são chamadas de *purpose relatives*, como mostramos em (30):

- (30) a. João sempre encontra alguém [para criticar].
 b. João não tem ninguém [para o acompanhar nesta viagem].
 c. Não tem nada [para distrair João] quando ele está concentrado.

A quarta propriedade é que essas relativas infinitivas são ilhas fracas para a extração, ao contrário das relativas finitas:

- (31) a. ?Que livro o João não tem para quem doar?
 b. ?Que problema o João não tem ninguém com quem discutir?
 c. ?Que problema o João não tem ninguém para discutir?

Para saber mais, veja a análise feita por Izvorski (2000). A autora tenta explicar esse fato através de uma análise que envolve modais.

A quinta propriedade é que as relativas infinitivas são naturais em contextos de indefinitude (CAPONIGRO, 2001), como mostra a paráfrase de (32a) em (32b), ao contrário das outras RLs que têm interpretação definida (maximizada), como (32c):

- (32) a. Paulo não tem [a quem pedir ajuda].
 b. Paulo não tem [DP indefinido *uma pessoa/alguém* [a quem pedir ajuda]].
 c. Paulo não gosta de [quem pede ajuda].
 d. Paulo não gosta de [DP definido *a(s) pessoa(s)* [que pede(m) ajuda]]

As relativas infinitivas foram estudadas por Hirschbühler²⁰ (1978 apud CAPONIGRO, 2001), Mória (1996), Grosu e Landman (1998), Caponigro (2001), entre outros. O que realçamos desses estudos é que as relativas infinitivas exemplificadas abaixo são consideradas RLs:

- (33) a. Eu tenho [para quem escrever].
 b. Maria achou [do que se lamentar].

Se forem RLs, são de um tipo que não se submete à generalização em (25). As expressões Wh que introduzem as relativas são PPs, sintagmas categorialmente incompatíveis com as propriedades de seleção dos verbos matrizes.

No que se segue vamos argumentar para manter a generalização (25). O ponto crucial da argumentação é que as relativas em (33) podem ser antecedidas de um núcleo nominal, como mostramos em (34):

- (34) a. Eu tenho *alguém/uma pessoa* [pra quem escrever].
 b. Maria achou *algo/uma coisa* [do que se lamentar].

Esses elementos que são ou funcionam como núcleos nominais são recuperáveis e previsíveis, dado o contexto de indefinitude induzido pelo verbo matriz. Como apontamos na seção 1.1, uma RL introduzida pelos pronomes *quem* ou *o que* não pode ser antecedida por um núcleo nominal (quando a RL for parafraseada por uma relativa com núcleo), a não ser que uma preposição quebre a adjacência entre a RL e o núcleo nominal. O que observamos nas sentenças em (34) é que a preposição está quebrando a adjacência. Daí concluímos que não temos RLs verdadeiras em (33).

Observe, por outro lado, que as relativas em (35) têm um comportamento diferente:

- (35) a. Quando a Maria não tem [quem perturbar]²¹, ela fica chateada.
 b. *Quando a Maria não tem uma pessoa [quem perturbar], ela fica chateada.
 c. Quando a Maria não tem [o que fazer], ela fica chateada.

²⁰ HIRSCHBÜHLER, P. *The syntax and semantics of wh-constructions*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística), University of Massachusetts, Amherst, 1978.

²¹ Observe que se temos um ‘objeto direto preposicionado’ o comportamento da sentença é semelhante àquele verificado em (33) e (34):

- (i) a. Quando a Maria não tem [a quem perturbar], ela fica chateada.
 b. Quando a Maria não tem uma pessoa [a quem perturbar], ela fica chateada.

d. *Quando a Maria não tem uma coisa [o que fazer], ela fica chateada.

A inserção de um núcleo nominal antes do *quem* e do *o que* é bloqueada. A conclusão a que chegamos é que em (35a) e (35c) temos RLs verdadeiras: ao mesmo tempo em que não toleram a inserção de um núcleo nominal, elas atendem a generalização em (25). Os pronomes Wh são DPs, como requerido pelo verbo *ter*.

Na esteira de Marchesan (2012), para nós, se o núcleo nominal estiver implícito, como em (33), e puder ser recuperado antes do pronome relativo, como em (34), estaremos frente a casos de relativas com núcleo nominal indefinido em que todo DP antecedente é omitido. Por estar em um contexto que manifesta efeitos de definitude, “todo o DP antecedente pode ser omitido” (p.158). Ou seja, o DP antecedente é apagado por ser recuperável e previsível, sempre será algo do tipo *ninguém, nada, uma pessoa, um amigo, alguém, algo* etc.

Agora, consideremos as relativas infinitivas introduzidas por *quando, onde e como* tendo em vista o que foi discutido na seção 1.2:

- (36) a. ?O João não pôs na agenda [quando visitar os pais].
 b. O João não tem [onde armazenar seus livros].
 c. O João não tem [como pagar as contas].

A distribuição destas relativas é idêntica à de DPs, muito embora o caso seja filtrado pela propriedade da indefinitude (BELLETTI, 1988, e trabalhos posteriores sobre o mesmo assunto). Neste contexto, um DP que antecede a relativa é recuperável:

- (37) a. ?O João não pôs na agenda o período [quando/em que visitar os pais].
 b. O João não tem um lugar [onde/em que armazenar seus livros].
 c. O João não tem nenhum modo [como pagar as contas].

Isso nos leva à conclusão de que as relativas infinitivas de (36) não são RLs.

Em resumo, as relativas infinitivas têm um PRO controlado pelo sujeito da sentença matriz, quando existe um na posição de sujeito. Elas são a contraparte das *purpose relatives* e das relativas subjuntivas que têm uma variável controlada pelo pronome Wh em posição de sujeito. Dentre as relativas infinitivas, existem as que são de fato RLs: as que não podem ter um núcleo nominal antecedendo o pronome relativo. As que têm um núcleo nominal explícito ou implícito não são RLs verdadeiras, são relativas com núcleo. A propriedade semântica constante das relativas infinitivas (e subjuntivas) é que, ao contrário das RLs ordinárias (indicativas), elas se distribuem em contextos de indefinitude.

Considerações finais

Neste trabalho, estudamos as RLs infinitivas. Primeiro, procuramos apontar as características das RLs. Essas sentenças não têm um nome explícito ou implícito antecedendo a expressão relativa e são encabeçadas por pronomes Wh que incorporam o que seria o núcleo nominal de uma relativa com núcleo. Assim, *quem, o que, quando, onde e como*, que incorporam os núcleos nominais *pessoa, coisa, momento, lugar e modo*, respectivamente, podem iniciar RLs.

Os pronomes *Wh quando, onde e como* introduzem RLs que funcionam como adjunto adverbial, complemento de preposição ou de verbos que subcategorizam complementos oblíquos. Já os pronomes *Wh quem ou o que* têm a mesma distribuição de DP.

Estabelecemos que, como regra geral, uma RL é uma sentença *Wh* que tem que respeitar as exigências oriundas da sentença matriz. Com isso, conseguimos demonstrar que temos dois tipos de relativas infinitivas sem antecedente explícito: as RLs, que respeitam a regra geral, e as que não são RLs.

Infinitive free relatives in BP

ABSTRACT: This article aims at discussing the so-called Infinitival Free Relatives through Generative Grammar perspective. These sentences attract the scholars' interest because they have properties that deviate from Free Relatives (FR). In BP, the *Wh* pronoun that introduces the FR has to be of the appropriate category required by the matrix verb. However, some infinitival FR seem to be non-matching, constituting a puzzle that has resisted a convincing explanation. Our solution starts from the observation that not every clause that is considered an infinitival FR is in fact a FR. Thus, we established that as a general rule, a FR is a sentence that meets the requirements of the matrix clause.

Keywords: free Relatives; infinitival free relatives; matching requirement.

REFERÊNCIAS

- BELLETTI, A. The case of inaccusatives. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, 1988.
- BRESNAN, J.; GRIMSHAW, J. The syntax of free relatives in English. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 3, n. 9, p. 331-391, verão 1978.
- BRITO, A. M. B. de B. *A sintaxe das orações relativas em português: estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*. Porto: Porto, 1991.
- CITKO, B. *Parallel merge and the syntax of free relatives*. 2000. 198f. Tese (Doutorado em Filosofia Linguística) – Universidade de Nova York, EUA. 2000.
- CAPONIGRO, I. On the semantics of indefinite free relatives. In: KOPPEN, M. V.; VOS, de M. (Eds.). *Proceedings of ConSOLE X*, Leiden: SOELE, 2001, p. 49-62.
- GROSU, A.; LANDMAN, F. Strange relatives of the third kind. *Natural Languages Semantics*, Netherlands, n. 6, p. 125-170, 1998.
- HANKAMER, J. On the Non-Cyclic Nature of *Wh*-Clefting. *Proceedings of CLS 10*, Chicago-IL: CLS, p. 221-233, 1974.
- IZVORSKY, R. (Non)-matching effects in free relatives and a pro-Drop. In: 19 EASTERN STATES CONFERENCE ON LINGUISTICS (SCOL), 1995, Hanover. *Proceedings*. Hanover-

EUA: Dartmouth College, 1996. p.89-102. Disponível em: <<http://www-bcf.usc.edu/~pancheva/freerelatives.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2007.

_____. Non-Indicative Wh-Complements of Possessives and Existential Predicates. In: TAMANJI, P. N.; KUSUMOTO, K. (Ed.). *Proceedings of NELS*, n. 28, p.159-173, 1998.

_____. *Free relatives and related matters*. 2000. 198f. Tese. (Doutorado em Filosofia) – Universidade da Pensilvânia, EUA, 2000.

KATO, M. A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 223-261.

KATO, M.; MIOTO, C. Pseudo-clivadas e os efeitos de conectividade. In: ENCONTRO NACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO TEORIA DA GRAMÁTICA (GT-TG) DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (ANPOLL), Brasília. *Anais*. Brasília: UnB, 2009.

MARCHESAN, A. C. *As relativas livres em português brasileiro e os requerimentos de compatibilidade*. 2008. 99f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008.

_____. *As relativas livres no português brasileiro*. 2012. 227f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2012.

MEDEIROS JÚNIOR, P. *Sobre sintagmas-Qu e relativas livres no português*. 2005. 107f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

MIOTO, C.; NEGRÃO, E. V. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, A. T. de; TORRES DE MORAIS, M. A.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: FAPESP; Campinas: Pontes, 2007. p.159-183.

MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

MÓIA, T. *A sintaxe das orações relativas sem antecedente expresso do português*. 1992. 163f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Lisboa, Lisboa. 1992.

_____. Sintaxe das orações relativas sem antecedente expresso do português. In: GONÇALVES, A. et al. *Quatro estudos em sintaxe do português*. Lisboa: Edições Colibri, 1996.

_____. Aspectos sintáticos-semânticos das orações relativas com *como* e *quando*. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 2001, Lisboa (APL). *Actas...* Lisboa: [s.n.], 2001. p. 349-361.

NEGRÃO, E. V. As relativas livres no PB: efeito de conformidade categorial. *Estudos Lingüísticos: XXIII Seminário do GEL*, Ribeirão Preto-SP, v.2, p. 1036-1284, 1994.

RESENES, M. S. *Sentenças Pseudo-Clivadas do Português Brasileiro*. 2009. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

_____. Pseudoclefts in Brazilian Portuguese: an analysis in terms of partial copying. In: BRAZILIAN-ITALIAN COMPARATIVE SYNTAX, SEMANTICS AND ACQUISITION WORKSHOP, 2011, Siena. *Anais...* Siena: [s.n.], 2011.

ROSS, J. R. *Constraint on Variables in Syntax*. 1967. 500f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 1967.

TARALLO, Fernando Luiz. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade da Pensilvânia, Pensilvânia. 1983.

Data de envio: 16/10/2013

Data de aceite: 03/02/2014

Data de publicação: 21/07/2014